

Projeto: Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória

Instituição responsável: Nota Musical Comunicação

www.quilombosdojequitinhonha.com.br

Entrevistada: Maria das Graças Nunes de Souza

Comunidade Relâmpago, município de Berilo, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais

Abril, 2014

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, conforme segue, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial:

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. *Minha avó vivia num casarão chamado senzala* – Entrevista de Maria das Graças Nunes de Souza. *Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória*. São Paulo, Nota Musical Comunicação, 2017

Minha avó vivia num casarão chamado senzala

Maria das Graças, de 64 anos, é uma das quilombolas de Berilo conhecida por dançar congado como ninguém. É ela quem carrega na cabeça uma das garrafas que caracterizam essa dança e reproduz o movimento que os escravos faziam ao dançar: eles enchiam a moringa de água e colocavam na cabeça. Se viesse a sede na hora da dança, podiam beber ou oferecer aos companheiros sem ter que sair da roda. Com memória das histórias contadas pelos pais, ela sabe que seus ancestrais, escravos, sofreram muito ali na comunidade de Relâmpago, nome advindo dos relâmpagos que os moradores dali assistiam enquanto lavavam areia na bateia para procurar ouro. Maria das Graças é neta de Maria Moreira Lopes e Mereciano, ambos descendentes de escravos. O pai dela contava que a avó vivia num casarão chamado senzala.

Meu nome é Maria das Graças, tenho 64 anos, e minha comunidade chama-se Relâmpago.

Relâmpago tem quantas famílias?

No meu tempo de criança tinha umas 20 famílias.

E agora?

Agora tem umas cinco famílias. Alguns ficaram velhos, outros mudaram para Berilo, outros mudaram para São Paulo.

A senhora tem ideia de quanto tempo tem a comunidade de Relâmpago?

Eu tenho 64 anos e já nasci nessa comunidade.

E seus pais?

Meu pai morreu com 68 anos.

Nasceu lá também?

Também.

E seus avós?

Todos nasceram e morreram lá também.

E a senhora sabe com que idade morreram seus avós?

Não, meu avô eu não sei porque não conheci, mas meu pai morreu com 69 anos.

Há quanto tempo?

Morreu em 1985.

E a senhora sabe a história da sua família, de seus avós?

Meu pai era muito pobre. Inclusive lá tem o nome Relâmpago porque quando eles vinham lavar areia na bateia¹, então dava aquele relâmpago e a gente via o ouro sair, era muito rico. A gente vivia assim, trabalhando na roça, colhendo algodão, milho, feijão, arroz. À noite, a gente fiava algodão, para comprar aquelas coisas que a gente não tinha, querosene, que usava no lampião, ou candeeiro, além de café e sal. Era o que a gente comprava naquele tempo. Arroz, feijão, farinha... a gente fazia farinha também, era na roda. E aí a gente trazia aquelas coisas, farinha, feijão, frango, ovos de galinha, para vender aqui (em Berilo), para comprar o que a gente não tinha.

Vinha caminhando, eram sete quilômetros. Lá de casa até aqui a gente vinha caminhando. Meu pai tinha um cavalo e ele trazia as coisas no cavalo, e a gente vinha trazendo ovos de galinha e outras coisas que não dava para trazer, alface, repolho. Tudo a gente vendia, era da roça mesmo, e a gente vinha trazendo nos balaios.

E a senhora já sabia que era descendente de escravos?

¹ Utensílio usado para exploração de minério em pequena escala, entre os quais o ouro. Ele é mergulhado na água e, com sua agitação, em movimentos circulares, separa-se a água e os sedimentos depositados na bateia. Essa separação acontece pela diferença de densidade entre os minérios metálicos dos demais sedimentos. Muito usado pelos ex-escravos e seus descendentes, até hoje é mantido nas casas das famílias quilombolas. Mas a falta de água impede a atividade nos dias atuais. Fontes: <http://www.arlloufill.com/pages/bateia> e <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bateia>

Sabia que minha avó era, a Maria Moreira Lopes, e Mereciano, os avós paternos. Esses aí já eram descendentes de escravos. A minha avó veio da escravidão.

O que a senhora lembra das histórias dela, onde ela trabalhava, como ela vivia?

Ah, ela vivia num casarão. Chamava senzala. Aí as mulheres ficavam assim, tudo junto com os homens, não tinha separação nem nada. Meu pai contava que ela contava que fazia um tachão de comida para os escravos comerem. Tinha tronco, eles amarravam os escravos, aqueles que eram mais rebeldes eram amarrados no tronco e apanhavam muito. A minha avó, a Maria Moreira, era descendente de escravo, negro. Inclusive, tinha lá um lugar que eles lavavam ouro, tinha um calçadão que eles faziam para tirar o ouro por baixo. O lugar dava muito ouro, os escravos lavavam e não tinha a liberdade deles ficarem com o ouro, lavava para o senhor.

Ela também lavava?

Lavava, ela e o Mereciano, que era meu avô, o marido dela, todos eles lavavam. Depois eles compraram, porque veio a liberdade e eles compraram essa terrinha, foi onde nós moramos, nessa comunidade de Relâmpago.

Mas onde eles eram escravos como chamava a localidade?

Era Relâmpago mesmo, era lá mesmo que eles tiravam o ouro.

Eles eram escravos ali e depois ficaram libertos?

Eles eram escravos ali, ficaram libertos e compraram a terrinha lá mesmo, criaram oito filhos, os irmãos do meu pai.

Essas 20 famílias que estavam lá, nessa época em que a senhora nasceu, elas eram todas parentes?

Eram todos dos Nunes. Eu sou dos Nunes. Então, era Manoel Nunes, que era meu pai, João Nunes, Antônio Nunes, Joaquim Nunes. Esse Adelmo Teixeira, que eles falaram lá (evento Grito Quilombola, que aconteceu antes desta entrevista, em Berilo, no dia 9 de abril de 2014), tudo era das famílias, é Marco Teixeira e tinham outros que me esqueci agora, Candido Teixeira, era tudo de lá.

E vocês não se misturaram com índio?

Não, todos negros.

A senhora lembra dessa época dos seus avós? O que eles faziam de cultura, eles dançavam, quais eram as danças?

Eles dançavam. Mais era o Vilão² (cantarola): “aprendi dançar vilão / não foi nessa terra não / aprendi com alemoa, das terras dos alemão”. E tinha outra dança, que minha mãe disse que eles dançavam: “bambu quero ver quebrar, ô, bambu nos quebra já”. Era roda também, que usava para fazer Lundu³, Nove⁴, eram essas danças que existiam.

E dessas danças, quais delas vocês dançam até hoje?

Só o Vilão que, de vez em quando, a gente dança.

Como era o Lundu, você tem lembrança ou sabe como era?

O lundu era um bocado de gente. A dança eu sei, mas a música eu me esqueci: “aprendi dançar lundu / aprendi dançar lundu”. É quase que o mesmo do Vilão, aí joga para os versos: “vamos dar mais uma volta / vamos dar mais uma volta / a viola mandou dar / a

² A partir do século XVIII, a cada término de uma colheita, os proprietários de terras promoviam uma grande festa tendo como referência uma dança de origem portuguesa. Assimilada e adaptada pelos escravos brasileiros, os movimentos da dança simulam movimentos de ataque e defesa, onde os participantes utilizam bastões de madeira firme e verde ainda. Costuma ser apresentada em atos, que podem ser denominados, conforme a região, como toque do tam-tam, troca de lugar, perna sobre bastão, bastão sobre a cabeça e finalizada com uma roda, ou o chamado “cerradinho”, uma sequência de sete gestos rápidos. O ritmo tem uma forte influência afro. Fonte: Centro Nacional de Cultura e Folclore Popular. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00001774.htm> e <http://cadernoedf.blogspot.com.br/2016/02/danca-do-vilao.html>

³ “Dança e canto de origem africana, trazidos pelos escravos bantos, especialmente de Angola, para o Brasil. No final do século XVIII ainda não era considerada uma dança brasileira, mas uma dança africana no Brasil. Sua origem sempre foi associada aos batuques e folguedos dos negros, embora como dança, a coreografia sempre foi descrita como tendo certa influência espanhola. Entende-se que a chula, o tango brasileiro e o fado, nasceram ou muito devem ao lundu”. Fonte: Dicionário do Folclore Brasileira, de Luís da Câmara Cascudo.

⁴ Dança típica nas comunidades quilombolas de Minas Gerais. Homens e mulheres formando pares, dançam e cantam ao som de instrumentos musicais jogando versos. Ao final de cada verso todos se viram versando no formato de perguntas e respostas uns aos outros. Fonte: <https://www.childfundbrasil.org.br/blog/voce-conhece-danca-do-nove/>

viola mandou dar, a viola está pedindo / a viola está pedindo / licença pra descansar / licença pra descansar, licença pra descansar ou lá ia ê”. Era assim que era o Lundu.

Quais instrumentos acompanhavam?

Violão e prato. E o prato com garfo batendo. Era muito bom nesse tempo.

E quais eram as comidas que sua avó fazia, nos tempos antigos?

Da minha avó eu não lembro, mas lembro da minha mãe. Tinha o cuscuz, socava no pilão, e fazia o cuscuz para a merenda, bolo de fubá. Na janta, às vezes, tinha arroz. Na janta era canjiquinha com frango, que minha mãe fazia muito. Meu pai punha muito camarada, muita gente para trabalhar e aí a comida para os camaradas era mais feijão, arroz e abóbora, no almoço. Na janta já era angú⁵, canjiquinha e frango. Era a janta dos camaradas.

E hoje vocês continuam fazendo essas coisas, essas comidas?

Eu ainda faço. Agora, o cuscuz mesmo é difícil fazer, porque é difícil colocar o milho de molho. O milho tem que ficar de molho para depois socar e fazer o cuscuz. Mas a canjiquinha ainda gosto.

A religião da sua avó qual era?

Católica.

E vocês também?

Eu também, meus pais eram católicos.

E não tinha candomblé?

Nesse tempo não.

⁵ Prato bem típico da culinária brasileira e muito popular na cozinha mineira. Geralmente preparado com farinha de milho (fubá), em muitas regiões conhecido como polenta, principalmente em regiões de influência italiana. Além da farinha de milho, o angú também pode ser preparado com farinha de mandioca. Fonte: http://cozinha-deminas.blogspot.com.br/2015/02/angu-e-um-prato-tipico-da-culinaria_7.html#!/2015/02/angu-e-um-prato-tipico-da-culinaria_7.html

E hoje tem?

Hoje tem.

Que tipo de festa tem na comunidade? Quando você pensa na sua comunidade, que festa você acha que marca a comunidade?

Junina, a fogueira de São João.

E durante a fogueira quais são as músicas ou danças que vocês costumam ter?

Tem as danças de São João: “e balão já vai subindo / vai deixando uma garoa / ô, que noite tão linda / ô, que noite tão boa / sobe, sobe meu balão / balãozinho da amizade / vai dizer a São João / que para nós, ele manda a felicidade”.

E você pode contar um pouquinho da história da garrafa na cabeça, no congado⁶?

A garrafa na cabeça é que os escravos sempre dançavam com a moringa. E ali, naquela moringa, eles punham água e as coisas para, na hora da dança, matarem a sede e dividir com seus companheiros.

E como chama quem carrega a garrafa na cabeça?

Madrinha da congada.

Quantas tem?

Tem duas.

Sempre são duas?

Sempre são duas.

⁶ Também conhecido como congo ou congada, é um auto popular brasileiro de motivação africana. O bailado simula a coroação do Rei do Congo e da Rainha Ginga, de Angola, com a presença da corte e seus vassalos. Seu enredo pode tratar basicamente de três temas, o encontro da imagem de Nossa Senhora do Rosário, submergida nas águas, a vida de São Benedito e a representação da luta entre Carlos Magno contra a invasão moura. Uma das referências do congado brasileira é a representação feita na cidade de Chapada do Norte, durante os festejos para Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Fontes: Dicionário do Folclore Brasileira, de Luís da Câmara Cascudo e <https://pt.wikipedia.org/wiki/Congado> e <http://www.folclore.net.br/congado.php>

Uma é diferente da outra?

Não, tudo é uma coisa só, só que uma tem água e a outra tem vinho. Uma carrega água e a outra carrega vinho.

Você sabe o que isso representa?

Não posso falar o que isso representa. Só sei que, na congada, levava... porque os escravos levavam aquela água, aquele líquido na garrafa.

(Entrevista realizada em 9/4/2014)